

## A abordagem sobre os pronomes demonstrativos nos livros didáticos de Ensino Médio: uma análise funcional-textual

*The Approach to demonstrative pronouns in High School Textbooks: a functional-textual analysis*

Dennis Castanheira\*  
Universidade Federal Fluminense  
Niterói, Rio de Janeiro, Brasil

Bárbara Paim\*  
Universidade Federal Fluminense  
Niterói, Rio de Janeiro, Brasil

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo discutir a abordagem acerca dos pronomes demonstrativos nos livros didáticos de Ensino Médio à luz da interface entre o Funcionalismo norte-americano, a Linguística de Texto e o ensino, proposta por Castanheira (2022). Para tanto, são consideradas, metodologicamente, quatro coleções aprovadas pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático de 2021, sob um olhar qualitativo bibliográfico e empírico, já que retomamos estudos prévios e analisamos tais livros caso a caso. São considerados três fatores de análise: (a) articulação de critérios morfológicos, sintáticos e semânticos (Câmara Jr., 1970; Pinilla, 2007; Castanheira; Caseira, 2024); (b) integração gramática e texto (Moraes Pinto; Alonso, 2012; Castanheira; Caseira, 2024) e (c) tratamento do conceito (Dias, 2001). Nossa hipótese é que os livros apresentam uma abordagem inovadora em relação aos pronomes demonstrativos com a articulação de critérios, o trabalho com o texto e o tratamento do conceito variável (ora evidenciado, ora apagado). Nossos resultados indicam que nossa hipótese foi parcialmente confirmada, já que houve pouca articulação entre morfologia, sintaxe e semântica, trabalho parcial e, por vezes, limitado com o texto, se atendo mais a “achar os referentes” dos pronomes demonstrativos e tratamento do conceito, ora evidenciado, ora apagado.

**Palavras-chave:** Pronomes demonstrativos. Ensino. Livros didáticos.

**Abstract:** This paper aims to discuss the approach to demonstrative pronouns in Brazilian high school textbooks in light of the interface among North American Functionalism, Text Linguistics, and language teaching, as proposed by Castanheira (2022). Methodologically, the study examines four textbook collections approved by the *National Book and Teaching Material Program* of 2021, through a qualitative, bibliographical, and empirical lens, since it revisits previous studies and analyzes each book individually. Three analytical factors are considered: (a) the articulation of morphological, syntactic, and semantic criteria (Câmara Jr., 1970; Pinilla, 2007; Castanheira; Caseira, 2024); (b) the integration between grammar and text (Moraes Pinto; Alonso, 2012; Castanheira; Caseira, 2024); and (c) the treatment of the concept (Dias, 2001). Our hypothesis is that the textbooks present an innovative approach to demonstrative pronouns through the articulation of criteria,

\*\* Professor Adjunto da Universidade Federal Fluminense – UFF. Doutor em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ e Mestre em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. E-mail: [denniscastanheira@gmail.com](mailto:denniscastanheira@gmail.com)

\*\* Mestranda em Estudos de Literatura pela Universidade Federal Fluminense – UFF. E-mail: [barbarapl@id.uff.br](mailto:barbarapl@id.uff.br)

textual engagement, and a variable treatment of the concept—sometimes explicit, sometimes implicit. The results indicate that our hypothesis was only partially confirmed, as there was limited articulation among morphology, syntax, and semantics, as well as a partial and, at times, restricted treatment of the text, mainly focused on “finding the referents” of demonstrative pronouns. The treatment of the concept also oscillated between explicitness and concealment.

**Keywords:** Demonstrative pronouns. Teaching. Textbooks.

## INTRODUÇÃO

O uso do livro didático é essencial em diversas escolas do Brasil, muitas vezes sendo a única fonte de apoio pedagógico disponível para muitos professores (Freitas; Rodrigues, 2008), que, por vezes, trabalham em diferentes escolas com alta carga horária e problemas diversos enfrentados. Esse desempenha um papel crucial ao proporcionar acesso à leitura de diferentes gêneros textuais para as crianças e os adolescentes de diferentes classes sociais. Além disso, segundo Freitas e Rodrigues (2008), o livro atua como um mediador no processo de ensino, capturando o interesse dos alunos, auxiliando os professores na condução das aulas e estimulando a prática da leitura.

Desde que se tornou amplamente utilizado, o livro didático passou por várias mudanças, algumas das quais ainda estão em curso e têm repercussões significativas. Se há décadas os livros eram pouco atualizados e não dialogavam com a realidade brasileira, ao longo dos últimos anos, sobretudo pelo papel do Programa Nacional do Livro e do Material Didático e da Base Nacional Comum Curricular, isso mudou drasticamente. As modificações englobam alterações gráficas, temáticas e de conteúdo. Esses materiais hoje estão mais próximos aos debates científicos, refletem pontos diversos da língua e abarcam debates, como variação, gêneros textuais, efeitos de sentido etc. (Lima, 2014; Castanheira; Caseira, 2024).

Acerca das classes de palavras, destacamos a pesquisa de Dias (2001). De acordo com o autor, há duas tendências no assunto: o apagamento ou a evidência dos conceitos gramaticais. Essa discussão se refere à abordagem que os livros didáticos fazem, ora destacando e sistematizando o conceito (ou seja, um enfoque mais metalinguístico), ora adotando uma falta de conceito (ou seja, um enfoque maior nos efeitos de sentido). Dias (2001) sugere uma abordagem que combine elementos das duas formas de ensino para alcançar melhores resultados, possibilitando uma “terceira via”, em que as classes sejam trabalhadas a partir da sua rotação e dos seus papéis discursivos.

Ainda sobre o ensino das classes de palavras, a discussão de Pinilla (2007) é fundamental. A autora menciona um estudo de Neves (1990) que envolveu 170 professores de São Paulo e revelou que muitos educadores consideravam o ensino das classes de palavras como um dos conteúdos mais importantes. Pinilla (2007) alerta, porém, que as definições das classes de palavras ainda são confusas e imprecisas. Em alguns casos, são considerados aspectos morfológicos e semânticos, em outros, apenas o semântico, e há também classificações que levam em conta critérios morfológicos, semânticos e sintáticos simultaneamente. Essa complexidade, segundo a autora, pode dificultar a aprendizagem dos alunos, já que não são adotados critérios de natureza

similar para todas as classes. Além disso, frequentemente, o estudo das classes de palavras se limita à memorização das nomenclaturas, desconsiderando, por exemplo, a sua mutabilidade.

Embora os debates sobre a relação entre as classes de palavras nos livros didáticos tenham crescido nos últimos anos, como nos trabalhos de Moraes Pinto e Alonso (2012), Castanheira (2017), Castanheira e Cascira (2024), ainda há muito a ser discutido, principalmente observando grupos específicos a fim de uma análise mais detalhada, como aqui faremos com os pronomes demonstrativos. Nesse contexto, a catalogação desses conteúdos nos livros atuais desempenha um papel importante, auxiliando pesquisas que buscam propor novas abordagens de ensino e fornecendo dados científicos que contribuem para o desenvolvimento dos estudos da língua portuguesa, especialmente no que diz respeito às classes de palavras.

Nosso objetivo neste artigo, então, é analisar como os livros didáticos de Ensino Médio aprovados pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático de 2021 abordam os pronomes demonstrativos. Para isso, utilizaremos a abordagem teórica funcional-textual, uma interface entre o Funcionalismo norte-americano e a Linguística de Texto, defendida e sistematizada por Castanheira (2022). Nossa amostra é composta por quatro coleções de livros e nossa metodologia é qualitativa bibliográfica e empírica, com análise de materiais de modo detalhado a partir de três fatores: (a) articulação de critérios morfológicos, semânticos e sintáticos, (b) integração entre gramática e texto e (c) tratamento do conceito (evidência ou apagamento). Nossa hipótese é que os livros apresentam uma abordagem mais inovadora em relação aos pronomes demonstrativos, com a articulação de critérios, o trabalho com o texto e o tratamento do conceito, ora evidenciado, ora apagado.

Na visão teórica aqui adotada, a língua é analisada a partir dos seus diferentes usos de modo contextualizado e integrado, o que engloba aspectos linguísticos e pragmáticos. Por isso, os elementos linguísticos são observados e sistematizados por meio da simbiose discurso e gramática, mapeando os efeitos de sentido provenientes das ocorrências e a sua relação com os padrões do fenômeno, já que forma e função são analisadas de modo integrado e constante. Isso pode ser feito, ainda, considerando as características do gênero, do suporte e do domínio discursivo, bem como de outros pontos contextuais (Castanheira, 2022; Castanheira; Cezario, 2022; Castanheira; Cezario; Santos, 2022).

Acerca dos pronomes demonstrativos, destacamos que, na tradição gramatical, base recorrente no ensino de língua portuguesa nas escolas, há um enfoque grande na diferenciação entre os valores semânticos referenciais entre “este”, “esse” e “aquele” ou “isso”, “isto” e “aquilo”. Por outro lado, algumas dessas, como a de Cunha e Cintra (1985), já apontam para o fato de o falante, ao fazer uso dos demonstrativos, muito dificilmente utilizá-los conforme as regras previstas. Isso indica que é preciso investigá-los de modo mais detalhado, sobretudo a partir dos seus usos e das suas complexidades gramaticais e textuais, ou seja, indo além da sua separação e do seu sentido estanque.

Nesse âmbito, destacamos a pesquisa de Castanheira (2020). Nesse trabalho, o autor destaca que o pronome “isso” nas entrevistas de revistas impressas, por exemplo,

pode se referir a informações já ditas ou que ainda serão explicitadas, o que demonstra que a ideia de que há diferentes pronomes para expressar referências retrospectivas ou prospectivas não se aplica às situações reais de uso. O autor comprova, também, que tais elementos podem ser combinados a outros que atuam em conjunto na construção referencial e, por isso, é preciso ter uma visão mais ampla e contextualizada para o assunto, sobretudo em uma análise funcional-textual teórica ou voltada ao ensino.

Além disso, conforme Oliveira e Matos (2021), da tradição latina ao período contemporâneo, a descrição gramatical desses pronomes indica suas funções dêiticas e fóricas e as relações com as pessoas do discurso. Os autores afirmam, ainda, que os usuários da língua estabelecem novas funções aos pronomes demonstrativos devido às situações comunicativas. Isso pode ser visto, ainda, nas suas combinações com outros elementos linguísticos, o que leva a novos mapeamentos dos seus papéis discursivos de modo contextualizado.

Diante dos pontos já discutidos, neste artigo, além desta introdução, apresentaremos a fundamentação teórica a ser considerada, expondo e debatendo a visão funcional-textual, com alguns dos principais teóricos das duas visões, e as reflexões da interface. Posteriormente, serão debatidos os critérios metodológicos selecionados, bem como serão analisados os materiais selecionados. Por fim, sistematizaremos as contribuições e os possíveis novos caminhos nas considerações finais do artigo, bem como listaremos as referências bibliográficas citadas ao longo da investigação.

## **1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS**

Neste artigo, seguimos, como pressupostos teóricos, a articulação teórica entre o Funcionalismo norte-americano e a Linguística de Texto no ensino, defendida e sistematizada por Castanheira (2022). Para tanto, retomaremos as discussões das duas teorias, demonstrando como essas podem ser articuladas, destacando seus pontos de contato e problematizando possíveis interseções teóricas e metodológicas à luz de uma visão baseada no uso, na interação e na sociocognição. Desse modo, discutiremos como a abordagem funcional-textual é constituída e pode ser aplicada, inclusive nos trabalhos sobre ensino.

O Funcionalismo norte-americano é uma abordagem teórica que surgiu nos Estados Unidos nas últimas décadas do século XX e se popularizou no Brasil alguns anos depois. Por meio das discussões estabelecidas por Talmy Givón, Sandra Thompson, Paulo Hopper, Joan Bybee e outros pesquisadores, as suas bases foram difundidas no país, com destaque para os inúmeros estudos sobre gramaticalização e pela sistematizada relação discurso e gramática nas pesquisas sobre iconicidade, planos discursivos, transitividade, informatividade, marcação e prototipicidade (Bybee, 2010; Martelotta, 2011; Givón, 1995; 2022; Oliveira, 2022; Lima-Hernandes, 2024).

Seus estudos no Brasil têm sido realizados ao longo das últimas décadas por pesquisadores de diferentes centros de pesquisa, como a Universidade Federal do Rio de Janeiro, a Universidade Federal do Espírito Santo, a Universidade Federal Fluminense, a

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, a Universidade Federal do Ceará, a Universidade de São Paulo, a Universidade Federal do Rio Grande do Norte, a Universidade Federal da Bahia, entre outras. Tal multiplicidade demonstra a constância e a diversidade de olhares, abarcando, inclusive, diversos fenômenos, sobretudo de ordem morfossintática e sintática em interseção com questões de pragmática.

Na visão funcionalista norte-americana, a língua é entendida como um instrumento comunicativo, em que as pressões do discurso moldam a gramática, já que há uma simbiose entre esses aspectos. Sob esse olhar, para investigar a estrutura linguística, seja essa fonológica, morfológica ou sintática, é necessário mapear fatores textuais, como as funções discursivas de um subgrupo de uma classe gramatical e o grau de novidade de um referente. Por isso, para o Funcionalismo, há uma integração entre fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e pragmática, que são vistos como elementos integrados e necessários para a descrição e a sistematização dos elementos linguísticos.

Conforme Dutra e Cezario (2022, p. 209),

A perspectiva funcionalista concebe a língua como instrumento de interação social. Linguagem e sociedade são, portanto, indissociáveis. Nos estudos funcionalistas, a dimensão dos estudos linguísticos incorpora-se a dimensão social. A linguagem é entendida em sua relação com os contextos específicos em que é utilizada e em relação com os fenômenos sociais de que faz parte. Trata-se o Funcionalismo de uma teoria que tem como foco a função que exercem os componentes linguísticos postos em uso na interação verbal, considerando a intencionalidade discursiva dos falantes e as escolhas que fazem ao interagirem com os outros e com o mundo. Dessa forma, o Funcionalismo considera a relação entre forma e função como algo instável, refletindo, assim, o caráter dinâmico da linguagem.

Um ponto essencial nesse âmbito é a análise do contexto para que haja um mapeamento formal e funcional, com a sistematização contextual e interacional, bem como a reflexão sobre o dinamismo linguístico (Castilho, 2012; Oliveira, 2022). Essa relação não deve ser perdida na pesquisa funcionalista, buscando a relação entre as características linguísticas e pragmáticas. A dimensão social dos seus estudos pode estar na análise de fatores sociais ou no âmbito interacional, com as nuances de cada gênero, por exemplo.

O Funcionalismo norte-americano, então, tem como foco o estudo contextualizado da língua e, por isso, os analistas buscam caracterizar as suas amostras de modo cuidadoso, considerando quais aspectos representam o *corpus*. Por isso, metodologicamente, é necessário ter muita atenção na seleção dos textos para que haja coerência investigativa e que seja possível controlar pontos cruciais para cada pesquisa, como a frequência de uso dos elementos linguísticos e as suas propriedades formais e funcionais. Nesse âmbito, o contexto é central e preponderante para a discussão dos usos, devendo ser correlacionados.

Isso pode ser pensado de modo ainda mais detalhado, como na pesquisa de Castanheira e Cezario (2022). No trabalho, os autores analisam os usos dos Sintagmas

Nominais (SN) com papel encapsulador em entrevistas de revistas impressas. Para tanto, analisam esses elementos a partir da estrutura desse gênero – apresentação, turno do entrevistador e turno do entrevistado – e da sua funcionalidade – papel referencial retrospectivo ou prospectivo. Castanheira e Cezario (2022) constataam que há uma relação clara e sistemática, visto que, enquanto os SN com função prospectiva são mais frequentes na apresentação da entrevista, os com papel de retomada são mais comuns nas falas do entrevistador e do entrevistado. Tal resultado demonstra que a caracterização contextual é essencial para discutir os usos dos elementos linguísticos.

Desse modo, o Funcionalismo norte-americano é definido como uma perspectiva teórica que estuda a língua em uso a partir de questões intra e extralinguísticas, considerando aspectos linguísticos e interacionais (Bybee, 2010; Traugott, 2010; Oliveira, 2022). Sendo assim, Cunha (2008) diz que o Funcionalismo “se preocupa em estudar a relação entre a estrutura gramatical das línguas e os diferentes contextos comunicativos em que elas são usadas”. Castanheira (2022) utiliza tal argumento para apontar que essa perspectiva trabalha com contextos e precisa utilizar dados reais de situações comunicativas, pois, nessa visão, a linguagem não pode se separar do seu papel na sociedade.

Já a Linguística do Texto é caracterizada pelo estudo da língua em uso, tendo o texto como objeto central de sua análise. Como fica evidente nos trabalhos de Cavalcante (2011), Koch e Elias (2016) e Pauliukonis e Cavalcante (2018), o texto é visto como a construção verbal e imagética (oral, escrita, visual, sonora) em um complexo processo sociocognitivo e interacional, concebido a partir de relações de sentido negociados e partilhados dialogicamente, ou seja, na interação. Desse modo, há diferentes possibilidades semânticas para um mesmo texto, já que cada interlocutor ativará informações diferentes na leitura.

Assim,

Entender o texto como uma “entidade multifacetada” só é possível quando consideramos que a linguagem é uma forma de interação e, como tal, seu uso é regido pela intenção, apontando para relações que desejamos estabelecer, efeitos que pretendemos causar, comportamentos que queremos ver desencadeados, determinadas reações verbais ou não verbais que esperamos provocar no nosso interlocutor etc. (Elias, 2016, p. 192).

Isso ocorre, pois o dito, ou seja, o linguístico é apenas a ponta de um *iceberg* complexo e que engloba muitos outros fatores discursivos, inclusive o conhecimento enciclopédico. Na análise de um texto, então, não deve ser observado aquilo que é explicitado de modo deslocado da situação comunicativa, havendo também outros pontos, como a intertextualidade, a intencionalidade, o gênero e o suporte textual etc. Assim, o texto é um processo que engloba a combinação de questões linguísticas e enciclopédicas, por meio não só da decodificação grafemática, mas também do que é partilhado, ou não, na interação (Capistrano Jr.; Elias, 2023; Pauliukonis; Castanheira, 2025).

Ressaltamos, ainda, que analisar o texto como algo fixo, com apenas uma possibilidade de leitura pode ignorar, inclusive, a existência de sociedades tradicionais que possuíam diversos textos coletivos que eram construídos junto com toda a comunidade. Alguns povos, por exemplo, tinham uma cultura oral muito presente e valorizavam as complexas possibilidades que a fala nos fornece. Bernardéz (2003) destaca que a construção das narrativas é um ótimo exemplo de como o texto é um processo sociocognitivo – afinal, depende dos conhecimentos prévios de cada um dos interlocutores – e interacional, visto que é entendido de maneira conjunta e partilhada.

Dentre os pontos centrais dos estudos da Linguística de Texto, estão a construção de sentidos em diferentes gêneros por meio de pressupostos, como coesão, coerência, referenciação e sequenciação. Isso ocorre pela seleção de fenômenos e de amostras geralmente relacionados e que, por isso, englobam diferentes caminhos analíticos. Podemos dizer, nesse âmbito, que as relações discursivas são um importante ponto de debate para essa teoria e que as interfaces teóricas são um caminho recorrente e produtivo, o que tem ocorrido com diferentes olhares, como fica evidente pelo trabalho de Marquesi, Pauliukonis e Elias (2017).

Segundo Castanheira (2022), o Funcionalismo norte-americano e a Linguística de Texto são teorias que podem ser relacionadas de modo bastante claro e sistematizado. Nos estudos de Neves (2006) e Cavalcante (2015), a interseção teórica entre essas visões já havia sido pontuada e apontada; contudo, as autoras não se aprofundaram em tais debates, demonstrando apenas que é possível trabalhar com os dois olhares, mas sem discutir, de modo sistemático, os pontos de contato e as possíveis adaptações necessárias para pesquisas que queiram unir o Funcionalismo e a Linguística de Texto.

Castanheira (2022) defende que ambas as teorias dão foco ao estudo dos usos linguísticos, ou seja, analisam a língua em situações comunicativas reais, mas que costumam fazer de modo distinto. Enquanto o Funcionalismo norte-americano tende a focalizar mais a análise estrutural, com discussão das propriedades gramaticais dos fenômenos selecionados – geralmente de ordem morfossintática ou sintática, a Linguística de Texto tende a priorizar a construção de sentidos pelo agrupamento das categorias linguísticas à luz das suas nuances textuais comuns ou mais salientes. Isso demonstra que os focos muitas vezes são distintos, mas que isso não faz com que sejam pontos excludentes.

Tal interface, denominada funcional-textual, pode ser caracterizada, então, pela análise da língua em uso de modo contextualizado e ligado aos efeitos de sentido, pela discussão de fenômenos linguísticos em relação à forma e à função, contemplando pressupostos das duas teorias, autores ligados a ambas as visões etc. Castanheira (2022) demonstra que, sob esse prisma, não há apenas aspectos linguísticos envolvidos na análise, mas também questões textuais, que vão desde as funções discursivas até a caracterização detalhada do contexto, o que inclui a discussão do gênero e do suporte.

Castanheira (2022) defende que, tal como neste artigo, é possível pensar nessa abordagem no ensino de língua portuguesa. Segundo o autor, adotar um olhar funcional-textual na sala de aula é levar o contexto comunicativo em consideração, visto

que é a situação comunicativa em que se utiliza uma determinada linguagem que ajuda a construir como dotada de sentidos. Essa é uma abordagem que valoriza situações comunicativas reais e como os fatores contextuais envolvidos conseguem conectar os estudantes de uma maneira produtiva e reflexiva. Por isso, o olhar funcional-textual no ensino é aquele que envolve discussões gramaticais partindo de seus efeitos de sentido e de seus padrões estruturais, com o objetivo de conectá-los à situação pragmática em que estão inseridos.

A visão funcional-textual no ensino possibilita uma integração mais efetiva e sistematizada entre gramática e texto, já que questões de leitura e produção textual oral e escrita podem ser agrupadas e relacionadas a tópicos linguísticos (pronomes, advérbios, conjunções, preposições, adjetivos etc.). Nesse âmbito, o trabalho com o texto é amplo e engloba aspectos da interpretação textual em diferentes âmbitos, juntamente às suas possíveis conexões com a produção de textos e com a gramática contextualizada. Por isso, os sentidos são estudados como parte central do ensino e podem ser sistematizados de diversos modos, inclusive na integração entre a oralidade, a leitura, a análise linguística/semiótica e a produção, como propõe a Base Nacional Comum Curricular e esclarecem Santos, Riche e Teixeira (2025).

Assim, podem ser realizadas atividades ou projetos que utilizem o texto como base e que, a partir da sua caracterização, análise e discussão, destaquem e trabalhem com elementos gramaticais. Isso pode ser feito de diferentes modos e pode englobar algumas possibilidades, como as conjunções nos tweets, os adjetivos nos contos de fadas, os artigos nos contos de suspense, os pronomes demonstrativos nas propagandas, os advérbios nas notícias, as orações coordenadas nos poemas etc. Tal amplitude evidencia a produtividade dessa articulação e necessidade de que seja feita.

Um exemplo dessa proposta é Castanheira (2025). Nesse trabalho, o autor demonstra que os memes podem ser um ótimo objeto de análise para o trabalho com os pronomes demonstrativos no Ensino Fundamental – Anos Finais. O autor esclarece que é preciso, inicialmente, trabalhar a categoria textual, com levantamento de hipóteses, discussão das características dos memes e definições quanto à sua natureza. Além de serem próximos à realidade de muitos alunos, os memes também são textos curtos e que apresentam diversos recursos imagéticos, o que pode enriquecer muito o trabalho com os pronomes demonstrativos, sobretudo de modo conjunto.

Castanheira (2025) defende que os pronomes demonstrativos podem ser discutidos com os alunos pelos seus efeitos de sentido inicialmente, considerando desde expressões mais lexicalizadas em vídeos – como no meme “É aquele ditado”, do estudante Miguel em referência a outro meme da influenciadora Inês Brasil – até em memes estáticos, em que a referência ancorada nos pronomes precisa ser analisada de modo multifatorial e multimodal, com mapeamento das imagens. Em todos, os conhecimentos de mundo estão vinculados com as informações explicitadas e podem ser claramente ligados aos distintos usos dos pronomes demonstrativos.

Um outro trabalho que demonstra a relevância dessa abordagem no ensino é o de Castanheira e Caseira (2024). Nesta pesquisa, os autores analisam como as conjunções são abordadas nos livros didáticos de Ensino Médio aprovados pelo

Programa Nacional do Livro e do Material Didático a partir de fatores gramaticais e textuais. Os autores constataam que há algumas mudanças ao longo dos anos nos materiais, mas que alguns pontos se mantêm. Castanheira e Caseira (2024) esclarecem que alguns pontos são privilegiados no tratamento das conjunções, como a semântica e sintaxe, e que o trabalho com o texto, apesar de muito presente nos materiais de modo amplo, nem sempre se relaciona a tais elementos, apontando, mais uma vez, para a necessidade de conectá-los.

Portanto, é possível perceber que essa abordagem tem como característica o estudo da língua em uso de acordo com aspectos linguísticos e interacionais como um ponto central no ensino. O trabalho com o texto, entendido como um processo interativo e social, levando em consideração as suas particularidades, é primordial e a gramática deve ser prioritariamente estudada e analisada por meio da sua funcionalidade, observando e mapeando os seus efeitos de sentido. É por meio desta conexão que o trabalho se apoia e se desenvolve, e é desse modo que discutiremos a abordagem dos livros didáticos sobre os pronomes demonstrativos: à luz da visão funcional-textual.

## 2 METODOLOGIA

Neste artigo, adotamos uma abordagem metodológica qualitativa bibliográfica e empírica, em que analisamos os livros didáticos a partir de um olhar cuidadoso e minucioso, considerando as suas complexidades e especificidades, bem como os trabalhos anteriores desenvolvidos sobre o tema. Ressaltamos que tais recursos metodológicos foram essenciais para construção sólida do trabalho, observando possíveis lacunas e também (re)pensando estratégias de pesquisa ao longo da nossa investigação.

Um ponto essencial dessa pesquisa foi a seleção da amostra. Inicialmente destacamos o papel complexo e vital do livro didático para muitos contextos pedagógicos. Em meio a um cenário social e escolar de precarização estrutural, financeira e profissional, muitas vezes, é, por um lado, a única fonte confiável de informação dos alunos ou o único livro a que eles têm acesso e, por outro, a principal ferramenta de trabalho dos professores. Isso faz com que sua importância seja muito grande e que esse não possa ser ignorado pelas pesquisas acadêmicas, já que sua centralidade na sala de aula é evidente.

Com o tempo e os avanços tecnológicos, os livros didáticos têm se modificado muito, com novos recursos e com temas cada vez mais atuais. As abordagens sobre vários temas têm se modificado, sobretudo com as avaliações – e as consequentes novas edições – feitas. Nesse âmbito, destacamos que a escolha dos materiais e a sua constituição envolvem fatores econômicos, sociais, ideológicos, pedagógicos etc. Ou seja, há muitos pontos envolvidos e que influenciam diretamente como esses livros didáticos são formatados, comercializados e recebidos pelos diferentes públicos (Stray, 1993; Munakata, 2012; Lima, 2014; Silveira; Teixeira, 2020).

Também destacamos que seguimos a proposta de Castanheira e Caseira (2024) e analisamos 4 coleções de volume único aprovadas e presentes no Guia do Programa Nacional do Livro e do Material Didático de 2021, então em vigência. Como nosso foco é estabelecer um panorama da abordagem dos materiais sobre os pronomes demonstrativos, essa seleção também seguiu os livros discutidos em Castanheira e Caseira (2024) em relação às conjunções. Denominamos propositalmente tais coleções como 1, 2, 3 e 4 para que, tal como no trabalho citado, não haja uma ideia que queremos criticar os autores, visto que nosso foco, na verdade, é estabelecer um panorama.

A partir da seleção, todos os livros foram lidos e analisados integralmente para que não houvesse ponto algum sem observação e análise. Após a leitura, todas as ocorrências selecionadas, que englobam desde as explicações conceituais e os exercícios até os gabaritos e as instruções aos docentes, foram catalogadas e reunidas para que fossem observadas de modo conjunto, possibilitando uma visão ampla e uma análise empírica qualitativa. Ou seja, não pretendemos quantificar as questões ou as conceituações, mas discuti-las uma a uma. No artigo, isso se evidencia pela seleção de exemplos representativos que demonstram a análise das ocorrências encontradas.

Nesse âmbito, para a seleção e o estabelecimento dos fatores de análise, efetuamos uma revisão da literatura, com destaque para os trabalhos de Câmara Jr. (1970), Dias (2001), Pinilla (2007), Moraes Pinto (2012) e Castanheira e Caseira (2024). A partir da leitura e da análise dos achados e dos postulados desses autores, bem como da base teórica que adotamos, percebemos tendências dos livros e pontos passíveis de novas discussões e análises, assim como adaptamos e (re)elaboramos fatores. Nesse sentido, mais especificamente, selecionamos três centrais: (a) articulação dos critérios que constituem as classes de palavras; (b) a integração entre a gramática e o texto; (c) a evidência ou o apagamento do conceito gramatical.

O primeiro engloba a articulação dos aspectos mórficos, sintáticos e semânticos. Nesse critério, partimos das discussões de Câmara Jr. (1970), Pinilla (2007) e Castanheira e Caseira (2024). Visamos a observar se são considerados esses pontos nas ocorrências, examinando, por exemplo, uma questão que exija que o aluno faça uma análise sintática, considere a constituição da palavra, porém não discuta o sentido. É importante ressaltar que não é necessário ou esperado que toda questão ou toda conceituação sobre os pronomes demonstrativos apresentem tais características, já que o material é composto por diversos trechos.

Em relação à integração entre gramática e texto, a proposta é analisar se a ocorrência possibilita a articulação entre aspectos gramaticais e textuais, ou seja, que utilizem o texto como base da análise e não apenas como um mero pretexto para análise da língua, como discutido, em alguma medida, em Moraes Pinto e Alonso (2012) e Castanheira e Caseira (2024). Isso porque, em muitos casos, ou os exercícios podem não utilizar os textos efetivamente ou podem trabalhar apenas com aspectos interpretativos. Enfatizamos que não há problema em trabalhar questões de leitura e gramática de modo separado em alguns momentos a depender do objetivo de cada atividade, mas pretendemos mapear como isso é feito em relação aos pronomes demonstrativos nos livros.

Acerca do tratamento do conceito, apagamento ou evidência, utilizamos a proposta de Dias (2001). O autor, ao discutir as classes de palavras, diz que existem duas formas de tratarmos os conceitos. Na primeira tendência, temos a evidência do conceito. Isto é, as classes de palavras são descritas e conceitualizadas, utilizando seus nomes, rotuladas metalinguisticamente. Já a segunda oculta as conceitualizações e, conseqüentemente, gera um apagamento do conceito. O autor esclarece, ainda, que nenhuma das duas abordagens são plenas e que o ideal seria uma articulação entre as duas.

Destacamos, ainda, que a visão teórica aqui adotada, funcional-textual, possibilita o trabalho com tais fatores, dado que engloba aspectos gramaticais e textuais e embasa a articulação de elementos morfológicos, sintáticos e semânticos, o trabalho com o texto e a sistematização dos fatos linguísticos. Por isso, tais seleções e discussões não são aleatórias nesta pesquisa. Nossa fundamentação teórica alicerça nossas reflexões e dialoga diretamente com a revisão apresentada, com autores que são representativos das linhas estudadas, ou que apresentam debates que podem ser vistos à luz da visão funcional-textual.

Por fim, enfatizamos que, na próxima seção, apresentaremos a análise realizada, com destaque de exemplos que ilustram o panorama realizado, bem como demonstram o trabalho efetivado na investigação. Destacamos, ainda, que nosso enfoque qualitativo possibilita a discussão das ocorrências de modo acurado e que serão debatidos pontos das quatro coleções selecionadas, como será possível observar a seguir.

### **3 ANÁLISE**

Conforme exposto, nesta seção, apresentaremos a análise realizada em nossa pesquisa. Como explicamos, discutiremos como as quatro coleções abordam os pronomes demonstrativos a partir de três fatores: articulação de critérios (morfológico, sintático e semântico), integração gramática e texto e tratamento do conceito (apagamento ou evidência). Destacamos que nossa hipótese é que os livros apresentam uma abordagem mais inovadora em relação aos pronomes demonstrativos, com a articulação de critérios, o trabalho com o texto e o tratamento do conceito, ora evidenciado, ora apagado. Isso será organizado por fatores, possibilitando um panorama de cada ponto discutido. Posteriormente, ao final, apresentaremos um Quadro resumitivo com os apontamentos mais gerais sobre cada coleção em relação ao tópico estudado.

De forma ampla, destacamos que os livros analisados são organizados em capítulos com temáticas sociais atuais, design moderno e explanações sobre diversos assuntos. Nas orientações aos professores, há muitas complementações que visam não apenas a dar coordenadas e os gabaritos, mas também a indicar outras fontes de informação e a apresentar novas ideias, que podem ser feitas a depender da realidade de cada turma, de cada profissional e de outros fatores. Isso é importante para que haja reflexões a serem combinadas com o que o livro explicita aos alunos, por exemplo.

Inicialmente discutiremos o primeiro fator. Na coleção 1, de modo geral, percebemos que os pronomes demonstrativos são pouco abordados, com raras ocorrências, mas constatamos que houve a discussão das dimensões sintática, morfológica e semântica dos pronomes. Isso ocorreu por meio de um exercício em que é preciso dizer a vinculação da palavra “essa” a outras da oração, identificando, também sua classe gramatical. Em outro trecho do material, há a relação entre as classes de palavras e as funções sintáticas, sendo destacado o pronome “essa” em “essa história”. Além disso, nesse caso, também é discutido que semanticamente o pronome tem papel de especificar o nome. Há, então, a integração entre sintaxe e sentido.

Por último, há uma ocorrência em que é apresentado o quadro “#paralelbrar”, no qual é discutido o fenômeno da crase e suas possibilidades de construção linguística. Um dos casos listados é dos pronomes demonstrativos “aquele” e “aquela” em “àquele” e “àquela”. É destacado que isso ocorre por uma questão de regência, havendo, então, uma discussão sintática como motivadora para a construção da palavra. Logo após, são apresentados casos em que não há crase, sendo listados, dentre outros, os pronomes demonstrativos femininos “essa” e “esta”. Nessa explanação, contudo, não há exemplos reais de uso e toda análise é feita com base na discussão conceitual.

Na coleção 2, há uma explanação bastante complexa e completa sobre os pronomes demonstrativos. Há uma página dedicada exclusivamente a apresentá-los, com o destaque para as suas diferentes características, inclusive as suas propriedades morfológicas, sintáticas e semânticas. É dito, por exemplo, que esses expressam tempo e lugar, que apresentam flexões e que estão relacionados às pessoas do discurso e a outros termos. Excetuando esse caso, as demais ocorrências não englobam discussões dessa ordem.

Já a coleção 3 também é composta por pouquíssima abordagem dos pronomes demonstrativos, com apenas duas ocorrências. Nas duas, não são trabalhados aspectos semânticos, sintáticos ou morfológicos. Ou seja, as propriedades linguísticas desses elementos não são exploradas na obra, mesmo nos poucos exemplos e exercícios trazidos ao longo da coleção. Nessa situação caso o professor queira fazer um trabalho com o tema, terá que efetuar isso com outros materiais, ou desdobrando as questões de ordem textual, que são as exploradas na obra.

Na coleção 4, também há pouca abordagem sobre o tema. Das ocorrências encontradas, há apenas uma em que há o trabalho com o aspecto sintático. Nessa há primeiramente uma lista de palavras (o pronome “aquele” é uma dessas) que devem ser combinadas e, posteriormente, inseridas em células de um quadro que engloba as classes de palavras, incluindo a categoria “pronome”. Posteriormente, há um exercício em que os alunos devem dizer quais palavras acompanham os substantivos e qual sua classe. Em todos os outros casos, não são trabalhadas questões semânticas, morfológicas nem sintáticas. Mais uma vez, caberia ao docente elaborar discussões sobre se julgasse pertinente.

Podemos perceber, de modo panorâmico, então, que não costuma haver integração entre as propriedades morfológicas, semânticas e sintáticas nos livros analisados, ao contrário do que defende a visão funcional-textual e do que previa nossa

hipótese. Esses resultados podem ser relacionados com as elucidações de Pinilla (2007), já que a autora já apontava essa “lacuna” em materiais publicados há algumas décadas. Também pode ser relacionado à discussão de Castanheira e Caseira (2024), visto que essa integração não ocorreu nos mesmos livros analisados em relação às conjunções, o que pode indicar aspectos mais gerais. Contudo, diferentemente da análise dos autores, nos pronomes demonstrativos, a propriedade morfológica foi trabalhada, o que pode se relacionar ao objeto em destaque.

Outro ponto discutido foi a integração gramática e texto. Na coleção 1, não há nenhum caso que relacione os pronomes demonstrativos aos efeitos de sentido com casos reais de uso, com textos em sua complexidade e vicissitude. Nesse âmbito, se o professor quiser fazer esse trabalho, precisará aproveitar textos usados para outros fins para criar atividades ou discussões ou levar materiais externos. As ocorrências encontradas, então, não utilizam o texto como objeto de ensino nem contemplam a dimensão discursiva dos pronomes demonstrativos.

Já na coleção 2, percebemos alguns pontos bem distintos das demais. Há uma questão elaborada a partir de um poema de José Craveirinha, em que o primeiro verso deve ser analisado por meio das palavras que o compõem. O gabarito indica que o pronome demonstrativo marca a relação de afastamento, ou seja, é trabalhado o efeito de sentido proveniente do seu uso. Posteriormente, há uma questão em que o referente da contração “nisso” deve ser mapeado pelo aluno e depois comparado ao de outra palavra, justificando a resposta. Nesses casos, percebemos abordagens bem diferentes e que podem se complementar, englobando, em alguma medida, reflexões sobre o papel no texto.

Posteriormente, há um exercício em que o aluno deve indicar as diferentes ideias ligadas aos três usos do pronome “isso” em um texto previamente trabalhado. Essa questão possibilita o olhar para os efeitos de sentido do pronome e também para a ampliação da ideia de que há um referente ou um sentido, trabalhando com uma expansão discursiva, em que um mesmo elemento pode ter distintos papéis pragmáticos e que sua funcionalidade é múltipla. O gabarito reforça essa ideia, com a lista dos três sentidos. Destacamos, ainda, que isso é feito com um texto real.

Destacamos, ainda, a explanação sobre o tema pronome demonstrativo. Nessa parte, a coleção discute o papel coesivo desses elementos, com a antecipação e a retomada de referentes do discurso, com a devida exemplificação. É importante dizer que há uma necessária problematização sobre os usos de “esse” e “este”, em que se evidencia que, na prática, tais pronomes não são usados como se preconiza em relação à referenciação e que isso faz parte dos usos, mas que também deve haver atenção, pois pode haver ambiguidade ou outras nuances textuais a serem consideradas.

Na coleção 3, o trabalho com o texto é mais efetivo que na 1. Apesar de só haver dois trechos em que os demonstrativos são abordados, ambos se voltam para um olhar textual. Isso se evidencia pelo exercício pautado no poema “O apanhador de desperdícios”, de Manoel de Barros. A partir da leitura de alguns versos (“Eu fui aparelhado/para gostar de passarinhos./Tenho abundância de ser feliz por isso”), há

uma questão com dois itens, em que é trabalhada a referenciação por meio do pronome “isso”.

Inicialmente, é pedido que seja encontrada a referência do pronome e, posteriormente, é solicitado que seja discutida a relação de sentido que elemento ajuda a construir entre os versos. Embora questões de “achar o referente” possam ser meros pretextos para trabalhar, de modo mecânico, a coesão, nesse caso, isso é coerente, visto que, além da complexidade do encapsulamento do pronome, há o trabalho com seus efeitos de sentido, o que demonstra claramente a relação entre a gramática e o texto. Neste exemplo, temos, então, uma questão que exige que o aluno ative seus conhecimentos sobre coesão e a funcionalidade dos pronomes demonstrativos.

No outro exemplo, há uma seção denominada “Bagagem”, na qual consta uma explicação sobre o conceito de coesão textual. Nesse trecho, é explicitado que essa é marcada por questões linguísticas que estabelecem relações entre as partes dos textos e que há elementos que efetuam tal papel, sendo listados substantivos, conjunções, pronomes e advérbios. Também é dito que tais formas atuam no encadeamento de informações, contribuindo também para a coerência e a organização tópica. No exercício seguinte, é necessário encontrar a referência da expressão “esse rápido aumento”, havendo, então, a discussão de uma expressão que contém um demonstrativo.

Nesse caso, percebemos uma relação entre o aspecto gramatical e o texto, porém não há um desdobramento, voltado para os efeitos de sentido dessa retomada, nem do papel mais específico do pronome “esse” para a coesão textual. Também é importante destacar que essa ocorrência muito se relaciona ao debate efetuado por Castanheira (2025), em que o autor aponta para a necessidade de pensar o ensino de demonstrativos combinados a outros elementos linguísticos. Nesse exemplo, é evidente que o “esse” tem papel essencial para construção textual, mas é parte de um todo maior e que deve ser considerado.

Na coleção 4, há algumas ocorrências que podem ser discutidas a partir da relação gramática e texto. Destacamos que essas seguem caminhos similares. Encontramos dois exercícios em momentos diferentes da coleção muitos semelhantes, em que é destacada uma frase de um texto lido previamente e que o aluno deve dizer a que se refere o pronome “isso”, bem como em qual parágrafo ou trecho se encontra tal informação. Há, ainda, outro trecho destacado em outra questão, no qual o aluno deve dizer qual informação é retomada pelo pronome “esse”.

Nesses três exemplos, o caminho é similar, trabalhando o papel coesivo dos pronomes demonstrativos no texto, contudo isso é feito sem considerar a sua funcionalidade no texto. Ou seja, parece haver uma preocupação maior com algo mais mecânico, em que o referente deve ser buscado e delimitado, sem considerar outros pontos ligados aos efeitos de sentido dos seus usos. Isso está diretamente relacionado a uma visão amplamente difundida de que “puxar setas” é o que pode ser feito para análise e discussão referencial, mesmo havendo outros pontos que podem ser discutidos.

Outro tipo de ocorrência que deve ser destacada é a discussão sobre “coesão referencial por **substituição**” (grifo dos autores), em que o “isto” é usado como exemplo para o conceito de “catáfora”, que, embora atualmente denominado como anáfora prospectiva pelos estudos do texto, é assim apresentado. Nesse quadro, percebemos uma ocorrência na qual o livro está conceitualizando algum assunto e utiliza um pronome para demonstrar as ideias apresentadas. Certamente o pronome “isto” é um elemento que pode introduzir informações a serem posteriormente desenvolvidas, contudo isso não é mostrado por meio de um texto, mas de frases soltas.

Com essas discussões, percebemos, de modo panorâmico, que, embora ocorram situações mais específicas, há pontos que se repetem em vários materiais. Podemos dizer que, no trabalho com o texto, há uma tendência a fazer atividades com os referentes dos pronomes demonstrativos, sejam essas limitadas a “puxar setas”, ou mais aprofundadas, considerando, também, os seus efeitos de sentido. Além disso, o papel coesivo desses elementos é bastante enfatizado, o que também parece ser uma tendência. Esses resultados também dialogam com os de Castanheira e Caseira (2024), já que os autores constataram que as conjunções foram majoritariamente relacionadas à articulação textual, ou seja, à coesão. Também indica diálogo com estudos linguísticos, mesmo que ainda se limite a uma visão mais mecânica em algumas partes, e que nossa hipótese foi parcialmente confirmada, já que há o trabalho com o texto em algumas partes.

A respeito do terceiro fator, o tratamento do conceito gramatical, percebemos que houve uma tendência a evidenciar o conceito dos pronomes demonstrativos na coleção 1. Nas ocorrências, isso ficou evidente de diversos modos. Há um caso em que são discutidos os determinantes do Sintagmas Nominiais e os pronomes demonstrativos são listados. Também no caso da discussão sobre os adjuntos adnominais, já discutido aqui, há a rotulação do “essa” como pronome demonstrativo, bem como no quadro “#paralelbrar”, no qual a discussão sobre a crase e os pronomes demonstrativos é feita.

Um exemplo que pode ser destacado também é do exercício em que deve haver a classificação do “essa”. Como dito anteriormente, a análise foi feita utilizando o livro do professor como objeto de pesquisa e, por conta disso, foi possível observar que, em certas ocasiões, a expectativa de resposta – ou a indicação dada ao professor – expandia a possibilidade de análise. Sendo assim, nesse caso, embora a pergunta denomine o “essa” como “palavra” para o aluno, é solicitado que esse a classifique, o que demonstra que a evidência do conceito está no gabarito. Assim, mesmo que a questão não trabalhe com a conceitualização durante o enunciado, isso é trabalhado no gabarito. É provável que essa omissão tenha, inclusive, sido proposital, para que os alunos pudessem classificá-la.

Já na coleção 2, percebemos que há diferentes tendências. Nas questões ligadas a um poema de José Craveirinha, é pedido que sejam examinadas “as palavras”, mas, para o professor, o conceito é evidenciado, com o uso de “pronome demonstrativo”. Na questão sobre “nisso”, também há apagamento do conceito. Já no exercício sobre o “isso”, esse é rotulado como “pronome demonstrativo”. Tais ocorrências demonstram que o material alterna trechos nos quais evidencia e trechos em que apaga os conceitos,

possivelmente adotando o que Dias (2001) aponta como uma forma alternativa, uma terceira via de abordagem.

Destacamos, ainda, toda discussão relacionada à conceituação dos pronomes demonstrativos realizada na explicação sobre o tema. Essa foi a única coleção que efetivamente conceituou o tema, explanando com exemplos diversos e apresentando sua complexidade. Nessa parte, há evidência do conceito gramatical. Essa evidência não é aleatória e compõe o todo da coleção em relação ao assunto, visto que sistematiza as nuances dessa categoria, problematizando, inclusive, diferentes visões e autores, como Celso Cunha e Lindley Cintra, sobre as possibilidades de usos.

Na coleção 3, como dissemos, há duas ocorrências. Na primeira, há o trabalho com o poema “O apanhador de desperdícios”, de Manoel de Barros, em que há exercícios voltados para o papel do pronome “isso” no texto. Nesses, percebemos um apagamento do conceito gramatical, já que, nem no livro do aluno, nem no material do professor, há menção à categoria a que o “isso” pertence. Assim, há apagamento, visto que a questão trabalha com o conteúdo sem usar seu nome diretamente em nenhum momento.

Por outro lado, na outra ocorrência, há a explicação acerca da coesão textual, com a explicitação do papel central dos pronomes. Logo após, há o trabalho com uma expressão iniciada por um demonstrativo, o “esse” – “esse rápido aumento”. Isso demonstra que, nesse caso, temos uma análise complexa, já que, por um lado, há uma evidência do conceito, tendo em vista que é explicitado que os pronomes são elementos coesivos, mas, por outro lado, não há exemplos de pronomes e o exercício seguinte não focaliza ou sistematiza o papel do pronome, sem rotulá-lo como tal. Desse modo, há, ao mesmo tempo, apagamento e evidência. Destacamos, ainda, que as instruções ao professor também não complementam tal debate.

Por fim, na coleção 4, há uma tendência a evidenciar o conceito gramatical. Em todas as questões em que o aluno deve “achar o referente” dos elementos “isso” e “esse”, há a rotulação desses como “pronomes”. É importante destacar, porém, que esses não são denominados “pronomes demonstrativos” – apenas “pronomes”. A única ocorrência na qual isso não ocorre é a discussão sobre “coesão referencial”, na qual há o apagamento do conceito, pois, embora o “isto” seja listado, não é rotulado como pronome. Isso demonstra que, nessa coleção, há um foco maior na evidência do conceito.

De modo amplo, podemos observar tendências ao longo dessas coleções. Embora haja trechos de apagamento, há bastante evidência do conceito, o que confirma nossa hipótese inicial. Tal flutuação dialoga com os achados de Dias (2001), que constata que há materiais com diferentes formas de lidar com os elementos gramaticais. É importante destacar, ainda, que tal apagamento por vezes é complementado com a evidência em trecho subsequente, no gabarito ou no material do professor, com alguma instrução, o que reforça tal tendência. Porém, reforçamos que, apesar disso, apenas uma coleção explicou o que são os pronomes demonstrativos, explicitando efetivamente a sua definição e sistematizando para os alunos suas possibilidades. Com isso, mesmo

havendo evidência, o professor precisaria fazer um trabalho complementar para que os alunos lembrassem (ou aprendessem) sobre o que é esse grupo de pronomes.

Tal sistematização está no Quadro 1:

	Articulação morfológica, sintaxe e semântica	Integração gramática e texto	Tratamento do conceito
Coleção 1	Discussão das propriedades morfológicas, semânticas e sintáticas sem integração efetiva.	Sem integração entre gramática e texto.	Maior evidência.
Coleção 2	Discussão das propriedades morfológicas, semânticas e sintáticas com integração.	Efetiva integração entre gramática e texto.	Evidência e apagamento de modo equilibrado.
Coleção 3	Sem discussão das propriedades morfológicas, semânticas e sintáticas.	Integração entre gramática e texto parcial.	Maior apagamento.
Coleção 4	Discussão das propriedades sintáticas.	Integração entre gramática e texto limitada.	Maior evidência.

Quadro 1: sistematização dos resultados em relação às tendências gerais

Fonte: elaboração nossa

Com isso, podemos dizer que nossa hipótese foi parcialmente confirmada. Como elucidamos, havíamos postulado que os livros apresentariam uma abordagem inovadora em relação aos pronomes demonstrativos, com a articulação de critérios, o trabalho com o texto e o tratamento do conceito, ora evidenciado, ora apagado. Em nossos resultados, porém, percebemos que a articulação entre os critérios ainda é bastante baixa e que o texto é pouco explorado ligado aos pronomes demonstrativos. Por outro lado, de fato, há uma variabilidade em relação ao tratamento do conceito, com evidência e apagamento. Tais resultados reforçam, também, resultados de trabalhos antigos, como o de Pinilla (2007) e pesquisas mais recentes, como o de Castanheira e Caseira (2024), apontando para uma renovação parcial dos materiais. Isso indica,

também, que os livros são heterogêneos e que há mais pontos a serem discutidos em novas pesquisas.

## CONCLUSÕES

Neste artigo, nosso objetivo foi discutir a abordagem dada aos pronomes demonstrativos nos livros didáticos de Ensino Médio aprovados pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático de 2021 em uma visão funcional-textual no ensino, ou seja, que articula o Funcionalismo norte-americano e a Linguística de Texto, conforme proposto e sistematizado por Castanheira (2022). Essa concepção parte da ideia de que ambas as teorias estão diretamente relacionadas e, por isso, podem ser articuladas, tendo em vista o estudo da língua em uso a partir de um olhar sociocognitivo e interacional, em que o discurso e a gramática são analisados de modo conjunto e multifatorial.

Para tanto, selecionamos quatro coleções didáticas e, para cada um dos livros, foi dedicado um tempo de leitura não apenas das questões, como também dos gabaritos fornecidos, o que, por algumas vezes, se mostrou importante para a coleta de dados. Isso pois, em algumas situações, era o gabarito que pedia para o professor utilizar aquela questão para iniciar um debate sobre a classe dos pronomes. A busca principal era por questões ou explicações conceituais sobre pronomes demonstrativos, considerando, inclusive, as subjetividades por trás de algumas questões, que – por algumas vezes – só mostraram sua ligação com a matéria por meio do gabarito contido no material do professor.

Empregamos uma metodologia qualitativa empírica e bibliográfica, em que fizemos uma análise detalhada de cada dado. Nesse âmbito, eram observados em relação aos três fatores: articulação de critérios, relação gramática e texto e tratamento do conceito (evidência ou apagamento). Isso possibilitou um olhar individualizado para cada caso, mas, ao mesmo tempo, permitiu estabelecer um panorama, com uma visão mais geral e ampla, o que também amplia o escopo da pesquisa. Da mesma forma, estabelecemos comparações e reflexões em diálogo com as pesquisas de Dias (2001), Pinilla (2007) e Castanheira e Caseira (2024), sobretudo em relação aos resultados encontrados.

Nossos resultados demonstraram que nossa hipótese inicial de que os livros apresentariam uma abordagem inovadora em relação aos pronomes demonstrativos, com a articulação de critérios, o trabalho com o texto e o tratamento do conceito, ora evidenciado, ora apagado foi parcialmente confirmada. Isso ocorreu, pois não há quase articulação entre morfologia, sintaxe e semântica, o trabalho com o texto ainda é limitado e, por vezes, centrado em “achar os referentes” dos pronomes demonstrativos e os conceitos são, de fato, tratados de modo mais equilibrado em evidência ou apagamento. Ressaltamos, ainda, que esses resultados representam um olhar amplo e panorâmico.

Esses pontos, no entanto, não pressupõem uma crítica aos materiais, nem uma resposta concreta para delinear qual é a linha seguida no ensino das classes de palavras

atualmente, mas pode ser visto como um indício do que tem sido realizado nos materiais acerca dos pronomes demonstrativos. Contudo, é possível perceber uma maior inclinação para certos aspectos, o que pode funcionar como uma ferramenta importante para que os professores saibam como utilizar os materiais didáticos em seu ambiente de trabalho, usando-os como um suporte que, para se adequar às necessidades de cada turma, precisará de mais ou menos ajustes.

A partir do exposto neste artigo, concluímos, então, que há algumas tendências nos livros analisados. Nosso panorama, à luz de uma visão funcional-textual, possibilita uma visão ampla da abordagem sobre os pronomes demonstrativos no Programa Nacional do Livro e do Material Didático de 2021, podendo ser, também, ponto de partida e discussão para futuros trabalhos sobre esse subgrupo ou sobre outras classes nesses e em outros (e futuros) materiais didáticos, já que podem ocorrer pontos em comum ou divergentes, o que pode contribuir para um panorama ainda mais amplo e complexo com as visões sobre diversas classes e/ou livros.

## REFERÊNCIAS

- BERNÁRDEZ, E. El texto en el proceso comunicativo. *Revista de Investigación Lingüística*, v. 6, n. 2, 7–28, 2003.
- BUTLER, C. *Structure and function: a guide to three major structural-functional theories*. Amsterdam: John Benjamins, 2003.
- BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- CÂMARA JR., J. M. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.
- CASTANHEIRA, D. *Anáforas encapsuladoras e construção do gênero entrevista: análise textual-funcional*. 2020. 235 f. Tese (Doutorado em Letras (Letras Vernáculas)). Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.
- CASTANHEIRA, D. Linguística De Texto E Funcionalismo Norte-Americano Em Diálogo: Em Defesa De Uma Agenda De Pesquisas. *Percursos Linguísticos (UFES)*, v. 12, p. 181-202, 2022.
- CASTANHEIRA, D. Pronomes demonstrativos no ensino. In: CASTANHEIRA, D.; CEZARIO, M. M. (Org.). *Funcionalismo linguístico e ensino*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2025, p. 111-128.
- CASTANHEIRA, D.; CASEIRA, C. A abordagem sobre conjunções em livros didáticos de Ensino Médio: um diálogo ao longo do tempo. *DLADORIM*, v. 26, p. 1-21, 2024.
- CASTANHEIRA, D.; CEZARIO, M. M. (Re)discutindo o estatuto informacional das anáforas encapsuladoras: para além da classificação dado e novo. *Revista Gragoatá (UFF)*, v. 27, p. 232-259, 2022.
- CASTANHEIRA, D.; SANTOS, L. W.; CEZARIO, M. M. Subjetividade no uso de anáforas encapsuladoras em perspectiva funcional-textual. *REVISTA E-SCRITA: REVISTA DO CURSO DE LETRAS DA UNIABEU*, v. 13, p. 57-74, 2022.

- CASTILHO, A. Funcionalismo e gramáticas do português brasileiro. In: SOUZA, E. R. (Org.). *Funcionalismo linguístico. Novas tendências teóricas*. São Paulo: Editora Contexto, 2012, p. 17-42.
- CAPISTRANO JR., R.; ELIAS, V. (Org.) *O que é e o que faz a Linguística Textual*. Natal: EDUFRN, 2023.
- CAVALCANTE, M. M. *Os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2011.
- CAVALCANTE, M. M. Referenciação: uma entrevista com Mônica Magalhães Cavalcante. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, v. 13, n. 25, p. 367-380, 2015.
- CUNHA, A. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, M. E. *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 157-176.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- DIAS, L. O estudo das classes de palavras: problemas e alternativas de abordagem. In: DIONÍSIO, A.; BEZERRA, M. (orgs.) *O livro didático de português: múltiplos olhares*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001. p. 126-138.
- DUTRA, V.; CEZARIO, M. M. Funcionalismo linguístico – relação entre gramática e usos. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 29, n. 56, p. 209-214, mai./ago. 2022.
- ELIAS, V. M. Estudos do texto, multimodalidade e argumentação: perspectivas. *ReVEL*, edição especial vol. 14, n. 12, 2016.
- FREITAS, N. K.; RODRIGUES, M. H. O Livro Didático ao longo do tempo: a forma do conteúdo. *DAPesquisa*: Florianópolis, 2008.
- GIVÓN, T. *Functionalism and Grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.
- GIVÓN, T. Functional syntax: an interview with T. Givón. *ReVEL*, v. 20, n. 39, 2022.
- LIMA, R. J. Variação linguística e os livros didáticos de português. In: MARTINS, M. A.; TAVARES, M. A.; VIEIRA, S. R. (Org.). *Ensino de Português e Sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2014, p. 115-132.
- LIMA-HERNANDES, M. C. (org.) *Cognição, Complexidade e Contexto como outras Mentes*. São Paulo: Estige Editorial, 2024.
- MARQUESI, S.; PAULIUKONIS, M. A. L.; ELIAS, V. (org.) *Linguística Textual e ensino*. São Paulo: Contexto, 2017
- MARTELOTTA, M. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.
- MORAES PINTO, D.; ALONSO, K. S. Advérbios e o ensino de classes de palavras. In: PALOMANES, R.; BRAVIN, A. (org.). *Práticas de ensino do português*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 165-190.
- MUNAKATA, K. O livro didático como mercadoria. *Pro-Posições*. v. 23, n. 3 (69). p. 51-66. set./dez. 2012.
- OLIVEIRA, C. S.; MATOS, D. P. de. Pronomes demonstrativos: uma (re)visão pancrônica. In: MATOS, D. (Org.). *Sintaxe na linguística funcional*. João Pessoa: Editora UFPB, 2021, p. 87-115.
- OLIVEIRA, M. R. de. Funcionalismo, cognição e ensino de língua portuguesa. In: MATOS, D. (Org.). *Sintaxe na linguística funcional*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2021, p. 16-36.

- OLIVEIRA, M. R. de. Linguística funcional norte-americana: gramaticalização, lexicalização, reanálise e analogia. In: ROSÁRIO, Ivo da Costa. (Org.). *Introdução à Linguística Funcional Centrada no Uso*. Niterói: Editora da UFF, 2022, p. 54-91.
- PAULIUKONIS, M. A. L.; CASTANHEIRA, D. Texto e ensino de leitura: uma homenagem à Leonor Werneck dos Santos. In: BARBALHO, C.; CASTANHEIRA, D.; MORAIS, M. *Linguística de texto e ensino: uma homenagem à Leonor Werneck dos Santos*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2025.
- PINILLA, M. A. Classes de palavras. In: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. (orgs.) *Ensino de gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2007. p. 169-183.
- SANTOS, L. W. dos; LEBLER, C. D. C. Texto, gramática e ensino: o conceito de análise linguística/semiótica. In: OLIVEIRA, M. R.; WIEDERMER, M. L. (org.). *Texto e gramática na Educação Básica: novos contextos, novas práticas*. São Paulo: Pontes, 2021. p. 45-76.
- SANTOS, L. W. RICHE, R. C.; TEIXEIRA, C. S. *Análise e Produção de Textos no Ensino*. São Paulo: Pontes Editores, 2025.
- SILVEIRA, D. F.; TEIXEIRA, M. R. F. Quanto custa o livro didático? Uma análise a partir do portal da transparência do FNDE/MEC. *RBPG – REVISTA BRASILEIRA DA PÓS-GRADUAÇÃO*, v. 16, p. 1-20, 2020.
- STRAY, C. Quia Nominor Leo: Vers une sociologie historique du manuel. *Histoire de éducation*. n° 58 (numéro spécial), 1993.
- TRAUGOTT, Elizabeth. (Inter)subjectivity and (Inter)subjectification: a reassessment. In: DAVIDSE, K.; VANDELANOTTE, L.; CUYCKENS, H. (org.) *Subjectification, intersubjectification and grammaticalization*. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 2010. p. 29-71.

**Recebido em: 31/10/2025**

**Aprovado em: 17/12/2025**

**Publicado em: 08/01/2026**